

Amanda Glaze

A SEGUNDA
MORTE

das

IRMÃS
BOND

 FARO
EDITORIAL

Amanda Glaze

A

SEGUNDA
MORTE

das

IRMÃS
BOND

TRADUÇÃO
Luciana Dias

 FARO
EDITORIAL

COPYRIGHT © THE SECOND DEATH OF EDIE AND VIOLET BOND BY AMANDA GLAZE
TEXT © 2022 AMANDA GLAZE
COVER ILLUSTRATION © 2022 TK
ORIGINALLY PUBLISHED BY UNION SQUARE & CO., LLC., IS A SUBSIDIARY
OF STERLING PUBLISHING CO., INC.
PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH PIPPIN PROPERTIES INC.
THROUGH RIGHTS PEOPLE, LONDON.
COVER ILLUSTRATION © 2022 UNION SQUARE & CO.
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2023

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem
autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Assistente editorial **LETÍCIA CANEVER**
Preparação **DANIELA TOLEDO**
Revisão **BÁRBARA PARENTE e THAÍS ENTRIEL**
Adaptação de capa e diagramação **VANESSA S. MARINE**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
JÉSSICA DE OLIVEIRA MOLINARI CRB-8/9852

Glaze, Amanda
A segunda morte das irmãs Bond / Amanda Glaze ; tradução de Luciana Dias. --
São Paulo : Faro Editorial, 2023.
256 p.

ISBN 978-65-5957-347-9
Título original: The second death of Edie and Violet Bond

1. Ficção norte-americana 2. Espiritualidade I. Título II. Dias, Luciana
23-1334 CDD 813

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
I. FICÇÃO NORTE-AMERICANA



1ª edição brasileira: 2023
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos
por FARO EDITORIAL
Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06473-000
www.faroeditorial.com.br



VIOLET ESTAVA ATRASADA.

Edie puxou para o lado as pesadas cortinas de veludo da menor sala de estar no segundo melhor hotel de Sacramento e espiou a noite lá fora. Os lampiões a gás estavam acesos havia uma hora, e, até onde ela sabia, não existia nenhum sinal de incêndio nem qualquer outro desastre natural se formando em lugar algum da cidade que pudesse impedir sua irmã de chegar no horário.

O último comerciante trancou a porta de sua loja e colocou o chapéu ao sair para a fria noite de primavera. Uma fila contínua de carruagens passava devagar pela Rua K, as janelas abertas revelavam mangas de seda e chapéus com penas. O cheiro de café recém-passado vindo das carrocinhas de lanche noturno perfumava o ar, misturando-se com o incessante odor de estrume, ainda mais forte ali por conta dos estábulos do outro lado da rua.

Tudo e todos exatamente no devido lugar. Menos sua irmã gêmea. Que estava atrasada.

Edie fechou a janela e puxou as cortinas com um pouco mais de força do que o necessário, grunhindo quando o movimento do veludo franjado provocou uma rajada de ar e apagou uma vela na mesa atrás dela. As três velas de cera eram as únicas fontes de luz na sala de estar do pequeno hotel. Ela tivera um trabalho infernal para convencer o zelador a apagar as luzes do chamativo lampião a gás, pendurado no teto com seus globos de vidro (o segundo melhor hotel de Sacramento ainda não tinha luz elétrica instalada).

Mas, senhorita, não vai dar para ver nada!

Bem, *sim*. Era exatamente esse o objetivo. Como alguém realizaria uma sessão espírita direito se o cliente conseguisse *ver* tudo?

Mas, claro, ela não falou isso. Apenas abriu um sorriso forçado e se queixou de dor de cabeça. Sempre que necessário, vale se queixar de dor de cabeça.

Edie tirou uma caixa de fósforos da bolsinha de seda do seu bolso. Um intenso cheiro de ervas secas foi emanado, mas ela amarrou o cordão apertado antes que o aroma trouxesse qualquer lembrança. Então tornou a acender a vela que havia se apagado e guardou a caixa de fósforos de volta no lugar.

Logo o zelador do hotel se acostumaria com os métodos das irmãs. Ele não teria outra opção quando visse que aquela era só a primeira de muitas sessões espíritas que ela e Violet iriam realizar ali enquanto estivessem na cidade para sua turnê espiritualista. Edie se ajoelhou sob a mesa redonda e conferiu outra vez o fino pedaço de fio que tinha amarrado em volta de uma das pernas da cadeira. Depois, testou o discreto pedaço de madeira que havia enfiado embaixo da mesa, perfeitamente posicionado para garantir um pouco de levitação quando fosse a hora certa.

Para Edie, a razão pela qual alguém acharia que um espírito ia surgir sacudindo os móveis era um mistério, mas era o que os clientes pagavam para ver, então era o que elas faziam.

Uma risada familiar soou do lado de fora, no corredor. Em seguida, ela ouviu uma voz masculina grave. Edie atravessou a sala pisando forte e escancarou a porta, as sobrancelhas erguidas.

— Você está atrasada.

Uma confusão de tecido cor-de-rosa e preto logo se dissolveu em duas figuras distintas. A primeira era um jovem que parecia ter dezoito ou dezanove anos, vestindo um terno preto bem cortado. Um bigode desagradável e oleoso com as pontas finas e curvas ocupava a maior parte de seu rosto, fazendo com que ele parecesse uma morsa.

Ao seu lado estava uma garota de dezessete anos usando um vestido de seda rosa adornado com todos os enfeites da moda. Uma monstruosidade que Edie ainda tinha dificuldade de olhar sem sentir uma pontada de dor, já que havia custado às gêmeas o equivalente a um mês inteiro de trabalho. Seu cabelo castanho-avermelhado estava preso em um coque com alguns cachos elegantes emoldurando seu rosto redondo e corado.

O homem-morsa teve a decência de ficar vermelho com a interrupção súbita. A irmã gêmea de Edie, Violet, entretanto, abriu um sorriso largo e alegre, como se não houvesse nada de errado no mundo.

— Edie! — gritou ela com sua voz melodiosa. — Estou ansiosa para apresentar vocês. Sr. John Billingsly, esta é minha irmã gêmea, srta. Edith Bond.

— Gêmeas! — O homem-morsa bateu as mãos com satisfação e depois fez uma rápida mesura. — Meu Deus, achei que eu estava vendo em

dobro. Se não fosse pelo cabelo... — ele fez um gesto vago em direção à própria cabeça —, bem, eu teria pensado que estava ficando louco.

Edie levou a mão automaticamente ao cabelo antes que pudesse se conter. Um gesto de insegurança, que ela tinha tentado controlar, sem sucesso.

Violet e Edie eram idênticas em quase todos os aspectos — pelo menos por fora. Quando as duas eram recém-nascidas, tinham o mesmo nariz arrebitado, olhos verdes brilhantes e tufos de cabelo castanho-avermelhado. Com o passar dos anos, a cor do cabelo de Violet se tornou mais escura e intensa enquanto Edie experienciou o inverso: seu cabelo ficou mais claro a cada ano que passava, até ficar quase branco.

Edie encarou o morsa com o seu olhar mais frio.

— Sim. O senhor percebeu, que inteligência extraordinária. — Ele abriu a boca para responder, mas Edie o interrompeu: — E mesmo tendo certeza de que é um prazer conhecê-lo, sinto dizer que precisamos nos despedir. Violet está atrasada para um compromisso.

— Edie!

A irmã levou a mão ao peito com o mesmo exagero com que tinha erguido as sobranceiras na encenação anual de Natal da cidade onde cresceram, quando o professor de catecismo cometeu o erro de escalá-la para o papel de Maria.

— Sr. Billingsly, por favor, não repare. Minha irmã pode ser extremamente *grosseira*.

Ela dirigiu a última palavra à irmã, com um olhar reprovador, mas Edie a ignorou.

— Posso até ser grosseira, mas você está atrasada.

Edie estendeu o braço, pegou a irmã pelo cotovelo e a puxou para dentro da sala de estar.

O morsa estufou o peito, como se fosse protestar pelo modo com que Edie tratou a *própria* irmã, mas Violet só riu e lançou para ele um dos seus sorrisos espetaculares.

— Parece que a festa acabou por hoje. Vamos ao Metropolitan no sábado, está bem?

Edie fechou a porta na cara do morsa antes que ele pudesse responder.

Violet girou para escapar das mãos de Edie assim que a porta se fechou.

— Francamente, Edie. Você precisava ser tão horrível? John é *gerente de teatro*, pelo amor de Deus. Ele acha que eu tenho talento de verdade.

Edie não conseguiu se conter e revirou os olhos.

— Ah, pare com isso — prosseguiu Violet. — Ele tem ótimos contatos em São Francisco, se você quer saber. E em Nova York.

Eddie cruzou os braços.

— Ah, é, tem mesmo? Um homem tão esperto e com a idade dele...

— Você sempre tem que pensar o pior de *todo mundo*? Acontece que o teatro é um negócio de família e o pai dele...

— Não me interessa se ele diz ser dono da Broadway inteira, Vi! A srta. Crocker está para chegar a qualquer momento...

— E eu estou aqui — disse Violet, tirando as luvas. — Pronta para trabalhar.

— Isso também significa que você leu a lista que eu lhe dei?

Violet tirou o chapéu e o pendurou em um cabideiro ao lado da porta.

— Violet. Você leu? Temos que estar preparadas...

— Ah, pelo amor de Deus, Edie. É um maldito *gato*!

Sob circunstâncias normais, Edie talvez tivesse rido. Para falar a verdade, ela não conseguiu conter um pequeno sorriso. Seria *mesmo* uma das sessões mais ridículas que realizariam, e elas tinham uma bela coleção de pedidos estranhos desde que adotaram a profissão de médiuns espíritas um ano antes.

A srta. Crocker era uma dama idosa. Uma dama idosa muito *rica*; e seu gato, que ela sem explicação chamara de Thomas, fora sua única companhia. Ela estava inconsolável desde a morte dele um mês antes e queria fazer contato pela última vez.

— Bem — disse Edie. — Sim, tecnicamente, é o espírito de um gato. Mas ele era mais como um parente...

Uma risadinha de Violet interrompeu Edie. Seguida por um soluço. Os olhos de Violet se encheram de lágrimas enquanto ela tentava conter a gargalhada.

— Sim, acho que é bem engraçado, mas...

— Engraçado? — resmungou Violet, balançando os ombros.

Ela enfiou a mão no bolso do vestido e pegou a lista que Edie tinha deixado na mesa de cabeceira do quarto delas no hotel naquela manhã. Por uma porcentagem da remuneração do que elas cobravam, o sr. Huddle, o homem encarregado da turnê espiritualista, ajudava coletando informações úteis sobre os espíritos com quem os clientes queriam entrar em contato. Os detalhes costumavam ser sobre *hobbies*, interesses e manias de um ente querido já falecido. Mas nesse caso...

— Aparência exterior? Preto com a barriga branca — disse Violet, lendo a lista. — Comida preferida? Fígado de galinha, cru e picado. E, por

último, mas não menos importante, passatempos preferidos: deitar-se ao sol, arranhar o sofá.

Violet tirou os olhos da lista, lágrimas correndo por seu rosto ao tentar segurar uma risada.

— Edie. Por favor.

O último resquício de tensão entre as duas sumiu, e Edie sentiu o aperto no peito se afrouxar. E então ela também começou a rir. Gargalhadas agudas, que levaram sua irmã a um ataque de riso ainda maior. Elas riram assim por um minuto inteiro, até Violet ser forçada a se sentar, e Edie se dobrar, apoiada ao encosto de uma cadeira de jacarandá.

— Pode imaginar um destino pior? — perguntou Violet, controlando a respiração aos poucos. — O grande amor da sua vida não ser nada mais do que um gatinho?

Violet balançou a cabeça com pavor; mas Edie, por sua vez, apenas deu de ombros e pegou um lenço para enxugar os olhos. Ela não tinha a menor vontade de discutir com a irmã sobre a natureza do amor, mas no fundo discordava. Sua mãe tinha amado seu pai um dia; e se o resultado de amar uma pessoa era aquilo, Edie preferia o gato.

Alguém bateu na porta da sala de estar, e todos os pensamentos sobre mães, e pais, e amor desapareceram da cabeça de Edie. Ela se endireitou e empurrou a cadeira de volta para o lugar.

— Só um instante — gritou. Então, em um sussurro, disse para Violet: — Sei que acha que isso é ridículo, mas você vai se esforçar ao máximo, não vai? A srta. Crocker provavelmente vai falar com Mary Sutton, e uma boa propaganda pode...

— Sim, sim. Peixe pequeno, peixe grande. Eu entendo muito bem, Edie. Vou me comportar, prometo.

Para mostrar que estava falando sério, Violet se posicionou em uma cadeira e colocou ambas as mãos sobre a mesa com a palma virada para baixo. Depois, em seu melhor e mais espiritual tom de voz, gritou:

— Pode entrar.

O velho e magro zelador abriu a porta e deixou entrar uma mulher corpulenta usando uma faixa de crepe preto e um longo véu de viúva que caía por suas costas. Atrás dela, Edie ouviu com clareza Violet abafar uma risada.

De fato, era *demais* vestir o traje completo de luto pela perda de um gato.

O zelador lançou um olhar desconfiado a Edie antes de fechar a porta com pompa. Era nítido que ainda estava incomodado com o incidente do lampião.

— Srta. Crocker. — Edie inclinou a cabeça e tomou cuidado para manter a voz baixa e solene. — Sinto profundamente por sua perda. Por favor, sente-se. Minha irmã Violet e eu vamos fazer o que pudermos para trazer um pouco de paz para a senhora.

Edie ofereceu o braço. A srta. Crocker o aceitou e apertou sua mão, ávida.

— Obrigada, minha querida. Sei que não é comum, mas eu realmente sinto muita saudade dele.

Uma onda de compaixão cresceu dentro de Edie, e, por uma fração de segundo, ela quase desejou que elas *pudessem* invocar o gato da pobre mulher.

Edie posicionou a srta. Crocker do lado direito de Violet e tomou seu lugar à esquerda da irmã.

— Agora, antes de começarmos — disse Edie, o tom delicado —, há a questão do...

— Ah, sim, claro.

A mão da srta. Crocker mergulhou em sua bolsinha de seda após abrir o cordão e emergiu com uma nota de dinheiro. Edie apanhou a nota depressa e a deslizou para dentro do bolso. Depois olhou para Violet, que fez um discreto gesto afirmativo com a cabeça. Elas estavam prontas para começar.

— Agora — tornou Edie. — Vamos todas dar as mãos.

As três mulheres entrelaçaram as mãos.

— Devemos começar cantando um hino?

Edie detestava essa parte da encenação. Mas as irmãs tinham descoberto que dessa forma conseguiam acalmar as velhotas que ainda tinham qualquer dúvida quanto ao fato de ser ou não *correto* invocar espíritos.

O próprio Jesus Cristo, Edie dizia com frequência para algum cliente hesitante, *retornou como espírito com a sua ressurreição. Então nosso trabalho aqui certamente não vai contra Deus.*

Elas começaram com o primeiro verso de “In the Sweet Bye and Bye”.

*Existe uma terra que é mais bela do que o dia,
E com fé podemos vê-la ao longe.*

A voz de Violet era doce e cristalina, a de Edie, caracteristicamente monótona. Mas a estrela do trio foi a srta. Crocker. A idosa não se reprimiu. Seu meio-soprano desafinado retumbou na pequena sala de estar.

*Porque o Pai espera na via
Para nos preparar uma morada lá.
No doce até logo.*

Às vezes, quando a baboseira religiosa a irritava de verdade, Edie se satisfazia imaginando a reação do pai se descobrisse que era *assim* que as filhas estavam usando sua educação religiosa.

Não que ela tivesse qualquer intenção de que ele descobrisse.

Elas terminaram a canção, e o silêncio se instaurou. Depois de respirar algumas vezes em um ritmo calculado, Violet acendeu a lavanda seca que estava em um prato no centro da mesa — a fumaça das ervas era uma marca registrada do número das irmãs — e então sua voz suave e onírica encheu a sala.

— Sinto a presença de um espírito entre nós.

O pé de Edie encontrou a tábua de madeira que ela tinha encaixado embaixo da mesa. Devagar e com cuidado, ela pressionou a tábua até a mesa parecer estar levitando do chão.

— Os espíritos estão aqui! — gritou a srta. Crocker.

— Silêncio! — advertiu Edie. — Minha irmã entrou em transe.

E, de fato, a cabeça de Violet estava jogada para trás e seus olhos estavam fechados. Edie voltou a pressionar o pé na tábua, dessa vez balançando a mesa até uma das velas no centro crepitar e se apagar.

— A vela se apagou — sussurrou Edie, o espanto na voz.

A srta. Crocker engoliu em seco, mas não ousou falar novamente.

Edie tinha preparado a vela, claro, cortando o pavio bem curto e puxando a cera para fora de modo que, quando a mesa balançasse, a cera derretida apagasse a chama.

Violet sacudiu a cabeça para cima e endireitou a coluna de repente. Com o corpo ereto e os olhos fechados, ela parecia um fantoche sendo controlado por uma corda. Edie não tinha nenhuma vontade de encorajar o amor impossível da irmã pelo palco, mas, na verdade, ela era uma atriz bem talentosa.

— *Margie?* — A voz de Violet soou áspera. Edie estava imaginando que tipo de voz a irmã escolheria para o gato e achou graça ao ver que Violet se decidira pelo tom de homem velho. Fazia sentido. O gato era um *ancião* quando finalmente morreu.

— Thomas? É você?

Uma espiada no brilho ansioso dos olhos da srta. Crocker, nos movimentos de sua cabeça, concordando e balançando, e Edie percebeu que

não precisava se preocupar com a encenação, afinal de contas. Essa mulher tinha ido ali, como tantas outras, pronta para acreditar no que quer que contassem a ela.

— *Querida Margie* — falou Violet com a voz áspera. — *Estou com tanta saudade de você.*

Lágrimas correram livremente pelo rosto da srta. Crocker enquanto ela se inclinava sobre a mesa, e uma série de perguntas eram feitas e respondidas.

Ele estava feliz no além?

Sim, bastante satisfeito. Havia muitos peixes.

Ele sentia alguma saudade dela?

Ele sentia uma saudade terrível. Mas será que ela não conseguia sentir que ele estava cuidando dela? Que estava sempre com ela, apenas em um plano diferente?

A srta. Crocker admitiu que sim, ela achava que havia sentido a presença dele, só não tinha certeza.

— Você está sempre comigo mesmo, Thomas? Não importa aonde eu vá?

— *Sempre* — entendeu Violet. Apenas Edie conseguia perceber o vestígio de risada por trás daquelas palavras. — *Em qualquer lugar que haja um pedacinho de sol, saiba que eu estou lá.*

A srta. Crocker suspirou, e um sorriso feliz tomou conta de seu rosto.

— *Só que eu preciso ir agora, minha querida* — disse Violet. — *Saiba que eu amo você sempre e...*

Uma tosse interrompeu a despedida de Violet. Ela limpou a garganta e abriu a boca para falar novamente, mas outro acesso de tosse tomou conta dela.

Isso não fazia parte da atuação.

A srta. Crocker se virou para Edie, a sobranceira erguida.

— Ela está bem?

— Sim. — Sua voz estava calma, mas seus olhos examinavam Violet. — Tenho certeza de que é só... hum, as cócegas do espírito. Eles podem... se contorcer muito.

Violet tossiu de novo. Um som profundo, gutural.

E foi quando Edie sentiu. Um vento frio na nuca.

À sua esquerda, a srta. Crocker se virou na direção da janela, sem dúvida imaginando que o vento tinha vindo de uma rajada do ar noturno. Edie aproveitou o lapso de atenção momentâneo para fechar os olhos e estender o braço, tateando em busca do Véu entre a vida e a morte.

Só que não estava lá. Ou melhor, *estava*, mas mais fino do que deveria. Como uma fina teia de aranha em vez do grosso rolo de seda habitual.

Sempre que uma morte ocorria, o Vêu se afinava, mas ele estava mais fino do que seria justificável por apenas uma morte. Será que Violet tinha feito de propósito? Ela havia acendido a lavanda, mas o plano nunca tinha sido invocar um espírito, tendo em vista que o espírito em questão era o de um gato.

Edie abriu os olhos e apertou a mão de Violet. Perguntou em silêncio: *É você?*

Violet manteve os olhos fechados, mas respondeu balançando de leve a cabeça. Ela não tinha feito aquilo.

Uma espécie de risadinha abafada saiu do fundo da garganta da srta. Crocker. Ela tinha desviado a atenção da janela — sem dúvida descobrindo que estava fechada — e nesse momento olhava de uma irmã para a outra, os olhos arregalados, os lábios entreabertos nos estágios iniciais de um choque.

Violet apertou a mão de Edie. Um impulso rápido. *Deixe comigo.*

Um sinal de que Violet ia discretamente lidar com o que quer que estivesse acontecendo com o Vêu, o que significava que o papel de Edie era manter a srta. Crocker calma.

Era exatamente por esse motivo que as gêmeas fingiam na maioria das sessões espíritas. Porque, uma coisa era brincar de receber mensagens de entes amados do além-túmulo — ou *gatos* amados, nesse caso —, outra bem diferente era sentir a realidade da morte. Aquele formigamento frio no fundo da mente. Os arrepios subindo e descendo pela espinha. Era, sinceramente, desconcertante para a maioria das pessoas. Aquelas que achavam o contato com espíritos nada mais do que um jogo de salão para passar o tempo.

Edie pigarreou, preparando-se para desviar a atenção da senhora. Mas então, logo antes de falar, seu estômago se revirou e ela sentiu uma vertigem.

Alguma coisa se moveu na morte.

Mas não foi o toque leve de um espírito curioso atraído pela fumaça da lavanda. Não. Havia um peso no movimento que fez com que ela trincasse os dentes.

Uma memória indesejada surgiu em sua mente. A de um espírito que não parecia certo e um súbito e inexplicável afinamento do Vêu.

O coração de Edie martelava no peito. Antes de se dar conta do que estava fazendo, ela se jogou para a frente, agarrou um pires de chá em cima da mesa e o bateu com força sobre o prato de lavanda, cortando a espiral contínua de fumaça.

Com o som de um prato se chocando com o outro, a srta. Crocker deu um pulo, soltando um gritinho.

Os olhos de Violet se abriram um segundo depois. Arregalados e confusos. Ela encarou Edie com um olhar interrogativo. *O que foi aquilo?*

Mas Edie apenas balançou a cabeça. Seu coração continuava acelerado, sua respiração, superficial e tensa. Ela fechou os olhos por um instante, tateando o Véu novamente. Ainda estava fino. Mas qualquer que tivesse sido a presença que ela sentiu na morte já havia ido embora.

Violet estreitou os olhos para Edie. Edie respondeu inclinando a cabeça na direção da velhinha. Violet bufou, mas depois voltou ao personagem. Ela jogou a cabeça para trás, inspirou profundamente e gritou:

— Eu sinto a partida dele! O espírito deixou este plano!

A srta. Crocker balançou a cabeça.

— Thomas, espere! Volte!

— Ele se foi! — interveio Edie.

Do outro lado da mesa, Violet ergueu as sobrancelhas de modo questionador outra vez, mas Edie a ignorou e se levantou para ajudar a srta. Crocker.

— Vamos, madame, foi uma provação e tanto. Vamos lhe servir um chá.

— Acho — replicou a senhora, deixando-se guiar — que eu poderia tomar alguma coisa mais forte. Para acalmar meus nervos, sabe.

— Claro — murmurou Edie. O mal-estar no estômago tinha passado, mas sua cabeça ainda girava. Ela precisou se esforçar para manter o rosto neutro e sereno. — Tenho certeza de que podemos providenciar alguma coisa.

Edie abriu a porta, mas, antes de passar, a senhora parou e voltou a olhar para ela com um rosto ansioso e esperançoso.

— Ele parecia... feliz. Não parecia, querida?

Edie encontrou o olhar da mulher, o coração se acalmando com a carência que viu nos olhos dela.

— Sim, senhora. Acho que Thomas encontrou uma enorme paz no além.

A srta. Crocker continuou fitando Edie por um longo e demorado momento. Então ela abriu um sorriso lacrimoso e concordou com a cabeça.

— Sim, minha querida. Acho que você está certa. — Ela suspirou e deu um tapinha no braço de Edie. — Bem, mostre-me o caminho. Estou tremendo bastante, e meus velhos ossos precisam mesmo é de um gole de conhaque.

Edie acenou com a cabeça, concordando com a senhora. Ela conseguia sentir os olhos da irmã cravados em sua nuca, mas não se virou. Violet ia querer saber por que ela terminou a sessão de uma maneira tão abrupta, e Edie precisava de tempo para formular uma resposta que satisfizesse a irmã. Então ela manteve os olhos fixos na srta. Crocker, guiando-a pela porta e para a sala ao lado.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE TODOS
OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

Campanha



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM ABRIL DE 2023